ALEGRIA, FÉ E APOSTOLADO

(no centenário de nascimento do Pe. José Alves Quinderé)

JOÃO JACQUES FERREIRA LOPES

No primeiro dia deste ano, em cujos albores ainda nos encontramos, decorreu o centenário de nascimento de uma das figuras de grande relevo na sociedade, na política, na intelectualidade e na vida religiosa do Ceará, com projeção nacional: Monsenhor José Quinderé.

O tributo que merece e que lhe está sendo pago em recordações de afeto e admiração e em espontâneas homenagens póstumas, cada qual mais lisonjeira e menos formalística, vem do coração do povo e das almas que serviu com santo desprendimento, ao longo do seu caminho.

Foram 78 anos de alegria, fé e apostolado.

Veio ele à luz do dia em Maranguape, precisamente ao raiar de 1882. Mas começou sua vida propriamente dita lá por 1894, quando, menino ainda, numa parecença muito honrosa com o infante Jesus, se perdeu das vistas do coadjutor padre Pinto da Cunha, que o trouxe a passeio a Fortaleza. Passageiro do trem das dez, deveria regressar à suburbana cidade no horário das quinze. Mas, enquanto o cão esfregava um olho, saiu sozinho da estação Central, à Praça Castro Carreira, rumo à Praça da Sé, subindo em seguida a ladeira da Rua Rufino de Alencar e chegando à portaria do Seminário da Prainha.

Ali encontrou velhos padres-mestres daquele educandário, os quais, vendo-o tão fagueiro e vivaz, principiaram a cobri-lo de perguntas. E, por fim, indagaram-lhe se queria ficar ali estudando. A esses "doutores da lei", que lhe sondavam a vocação, de pronto respondeu afirmativamente.

E foi assim que cedo vestiu a batina. Batina que nunca mais abandonou e que dizia ser, em muitas ocasiões, o seu "anjo da guarda". Soldado de Deus fiel à sua preta farda, cobriu-a com os galões e alamares invisíveis da virtude.

Apenas seminarista, já secretariava Dom Joaquim, com prematura sabedoria e bom senso. E, nesse caráter, acompanhou o bispo a Pernambuco, a fim de tomar parte no Concílio ali reunido e do qual foi escrivão (1908).

A ALEGRIA DOS ELEITOS

São Felipe Nery, São Francisco de Sales, Santo Inácio, São João Bosco, centenas de outros foram criaturas alegres e expansivas. O Papa João XXIII era trocadilhista e brincalhão. São João Bergkmans, pelas suas graças, era conhecido como Irmão Hilário.

Os primeiros cristãos iam cantando para o martírio e os pagãos comentavam entre si, ao vê-los em comunidade, repartindo o pão: — como são felizes!

Que fez o Cristo, em toda sua vida terrena se não despertar a alegria no coração de quantos o procuravam?

Principiou pelas Bodas de Caná, transformando a água em vinho, para que este alegrasse os corações: **Letificat cor.**

Deus, ao criar o mundo, tirou-o primeiro do luto das trevas para o esplendor aleluial do sol. E marchetou as noites de estrelas. Tudo para que esplendessem as cores da natureza, se estendessem aos olhos dos homens prados e campinas, envolvendo no regozijo geral todos os sentidos físicos e psicológicos.

Jesus amava o sorriso das criancinhas:

— "deixai-as vir a mim".

Curando os leprosos, comunicava-lhes o prazer da sanidade do corpo. Aos surdos-mudos, abria-lhes os lábios e as oiças, para que escutassem a música da vida, se entendessem entre si e cantassem seus sentimentos de gratidão e amor. Aos cegos, restituia-lhes a visão, a fim de fartarem-se das belezas da terra. Aos paralíticos, fortificava-lhes os músculos e ossos, para que se locomovessem e até dançassem.

Toda a pregação de Cristo consta de parábolas, de ligeiros contos que atraiam as atenções e desanuviavam do peso da opressão política e sobretudo da carga dos pecados as massas famintas de palavras de salvação e **vida eterna.** Era um autêntico contador de histórias.

Que alegria poderá ser maior do que a advinda do perdão das faltas e da reconciliação com Deus e com a própria consciência? A paz de espírito é uma festa interior que extravasa luz e melodia pelos olhos e pela boca.

— Só se vê bem com o coração — ensinava a raposa ao Pequeno Príncipe.

Monsenhor Quinderé, com o latim aprendido em Maranguape e no casarão da Prainha, tornou-se mais tarde, já ordenado, professor dessa matéria no Liceu. E aplicava a recomendação vulpina de Saint-Exupery no trato com seus alunos, abrindo-lhes os olhos para o idioma de Cícero com os recursos maravilhosos do coração.

Aliás, fora da cátedra que nobilitou durante muito tempo, ele sempre focou acontecimentos e pessoas através da bondade, da complacência, da afeição pura e desinteressada. Como era humano e compreensivo!

Bom samaritano e ótimo Cirineu, pensava as feridas do próximo, caído à margem da estrada, e ajudava a levar a cruz de muitos amigos e até de muitas famílias.

Byron aconselhava: "Todo aquele que conseguir a alegria deve partilhá-la, pois a felicidade é coisa de dois." E Ramalho Ortigão completava: "sem a alegria, a humanidade não compreende a simpatia e muito menos o amor".

Podiam ser de Monsenhor Quinderé os versos de Tagore

"Dormia, e sonhei
que a vida
era alegria;

Acordei, e vi
que a vida
era dever;

Agi, e pude ver:
o dever era
a alegria."

Baseado em palavras de Alexis Carrel, um escritor concluiu: "A gente tem o rosto que merece".

E o rosto de Monsenhor era todo um sorriso. Os olhos se lhe amiudavam de contentes. Os lábios se abriam, como a dizer: pode confiar. As sobrancelhas se erguiam nas pontas, acompanhando o ritmo das rugas formadas em parênteses de simpatia acolhedora. Tudo traduzindo-lhe os pensamentos positivos. Não era, afinal, alérgico a ninguém...

E atuava, na sua convivência, com gregos e troianos, com ímpios e religiosos, com pobres e ricos, como atuam os radares, que, quando emitem suas ondas e estas encontram qualquer obstáculo, voltam à origem enriquecidas de informações e de outros sons. Irradiando das altas antenas de seu espírito ondas de alegria, mais ganhava em devolução, nessa contrapartida da generosidade divina, em que o doador recebe geralmente o dobro.

Durante a última guerra, uma fábrica de aviões afixou em seu portão o seguinte cartaz: "Segundo as mais recentes teorias de aerodinâmica, a abelha não pode voar. A relação entre o tamanho, o peso e a forma de seu corpo, de um lado, e a extensão de suas asas, do outro, tornam-lhe o vôo impossível. Mas, como ignora essas verdades científicas, a abelha se lança imprudentemente no espaço. E voa."

Verdadeiro fabricante do mel humorístico, colhido aqui e ali nas flores de sua versátil inteligência e distribuído com os hepáticos ou os excessivamente adrenalinizados, Monsenhor foi sempre gordo, pesado, pobre e portanto em nada aerodinâmico. Mas voava alto nas poderosas asas de sua fertilíssima imaginação e espiritualidade.

A alegria era a isca com que fisgava as criaturas, como pescador de almas.

O outro instrumento a que recorria para tirar do pélago dos erros humanos os que nele afundava era o poderoso anzol do coração.

FÉ E APOSTOLADO

Monsenhor trilhava o caminho apontado por São Paulo: "Rezai sem cessar".

A despeito da corpulência, era um lépido de pernas, que o levavam a toda parte, dando-lhe presença quase ubíqua em solenidades, reuniões, rodas literárias, casas de família, templos, novenas, teatro, jornais, academias.

Acordava às quatro da madrugada para tirar as matinas de seu breviário e rezar ao pé do oratório doméstico, preparando-se para a missa que celebrava com unção.

Coadjutor de seu rincão natal (1905), coadjutor da freguesia de São Luís de Gonzaga (1913), foi vigário da matriz do Patrocínio, onde instalou o Apostolado da Oração e para a qual adquiriu o atual harmônio através de subscrição entre os paroquianos, cedendo o antigo à capela do Mucuripe. Vi-

gário da Igreja do Carmo, em cuja sacristia figura ainda o seu retrato, acabou, por fim como capelão da igrejinha de São Bernardo, onde criou e afervorou o culto a Nossa Senhora do Bom Parto.

Criança grande, como apraz ao Cristo, fundou uma escola para meninos pobres nas proximidades do Morro do Moinho, colocando como diretora dona Argentina Spinosa.

Como auxiliar de Dom Joaquim, participou da fundação de inúmeras instituições de caridade, de educandários para mocinhas pobres e órfãs. E como Secretário Geral do Arcebispado, na gestão de Dom Manuel da Silva Gomes, também foi o inspirador e incentivador de dezenas de obras de relevância social e espiritual, tanto aqui em Fortaleza como no interior do Estado.

Hugo Victor Guimarães, em seu livro "Deputados provincinais e estaduais do Ceará, a propósito do parlamentar escreveu: "O Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Augusto Álvaro da Silva, nomeou-o em 1920 Cônego Honorário da Sé Primacial da Bahia, cargo a que renunciou em 1929, quando foi elevado à dignidade de Camareiro Honorário de S. S. o Papa, com as vêneras do Monsenhorato".

No sobradinho avaradando que fica ao lado da capela de São Bernardo, instalou o quartel-general da campanha financeira em favor da construção da nova Catedral de Fortaleza.

Orgulho-me de tê-lo ajudado bastante na organização de seu posto avançado, conseguindo que as oficinas das Obras Públicas do Estado lhe fabricassem vários fichários de madeira, tendo a Tipografia Progresso imprimido os cartões de todos os contribuintes mensais.

Nas horas de expediente, que não se circunscreviam as matinais, curtidas no dito sobradinho da Senador Pompeu, mas entravam pelas da sesta e iam até às da noite, os telefones não paravam de funcionar, lembrando as espórtulas atrasadas e abrindo novs frentes de ajuda.

Um dia José Bonifácio de Souza e Jonas Miranda o apelidaram de "Mendigo da Catedral". E, em certa ocasião, foi retratado de braços abertos à frente do magno templo já de colunas de concreto erguidas, recebendo como legenda, no jornal, aquele dignificante epíteto.

Em "Deus lhe pague", de Joracy Camargo, há o seguinte diálogo entre o mendigo principal e o secundário:

— Ora! Quem é que precisa de um mendigo?

— Todos! Eles precisam muito mais de nós do que nós deles! O mendigo é uma necessidade social...

De mão estendida, dava-nos uma lição de humildade e de fé. Sobretudo da esperança de que não estava trabalhando em vão e de que um dia haveria de ser sagrada, como o foi, e funcionar, como está funcionando, a nova Casa de Deus.

Não podendo vê-la, já sem olhos sãos, como que anteescutava, nos tímpanos direcionados e hipersensoriais de sua alma, o bimbalhar daqueles mesmos sinos alçados agora às góticas e elevadas torres, o qual lhe era familiar na infância, na adolescência e sobretudo naquelas Semanas Santas em que ia representar o Cristo e cantar com voz de tenor o longo e movimentado Evangelho da Paixão.

Seus dois irmãos mais velhos eram músicos e Monsenhor lhes herdara o gosto pela divina arte. Cantava com suavidade, entoadamente e por isso o convidavam sempre para o desempenho vocal do gregoriano. Quem canta, aliás, segundo o aforismo, reza duas vezes...

Parodiando a sentença, pode-se afirmar que quem prega, reza três vezes. E ele, em que pese à sua gagueira, evangelizava em surdina nos confessionários, evangelizava em alta voz, no púlpito das igrejas, em sermões sucintos e substanciosos, cheios de exemplos tirados da própria vida e da sua fabulosa retentiva de contador de histórias; e evangelizava mesmo em silêncio, através da imprensa e dos livros que publicou. As cartas de São Paulo, os papiros e pergaminhos públicos, os Atos dos Apóstolos ficaram até hoje e irão até amanhã, rom-

pendo milagrosamente a indiferença das multidões, que geralmente não têm ouvidos para ouvir e muito menos olhos para ler e consultar.

E Monsenhor sabia missionar mais que qualquer outro, no púlpito da rua e na tribuna do cotidiano, falando com um, conversando com outro, argumentando com todos sob a luz da sua fé.

Institutos da Imagem e do Som se, ao seu tempo, lhe tivessem gravado as reminiscências e os exemplos arrancados ao dia-a-dia, mais fortes e convincentes do que os silogismos apodíticos e categóricos, que riqueza não teriam em seus arquivos, transmissíveis à geração atual e às futuras!

Monsenhor tinha suas devoções particulares. E, entre estas, a de São Francisco de Assis, a cuja Ordem Terceira pertencia, trazendo ao pescoço o escapulário e à cintura o cordão de nós.

A cegueira não lhe foi obstáculo à propagação da fé. Pelo contrário, aguçou-lhe os demais sentidos e fê-lo voltar-se para dentro de si e para o alto dos céus. Não lhe empanou a alegria de viver e de comunicar-se.

Ele foi "o cego que não cegou", na expressão de Caio Cid. O "cego que não vive na escuridão", no entender de Leite Maranhão.

NAS SECAS DE 15 E 19

Sobrinhos legítimos, criou quinze. Alguns a morte colheu. Os outros ocupam posição de destaque na sociedade: treze militares, sendo um tenente-coronel, um engenheiro, um comandante de navio, um industrial, um banqueiro, um bancário, um empregado federal e advogado.

Mons. Quinderé criou também quatro meninas que perderam mãe em Maranguape e cujo pai estava no Amazonas quando enviuvou. Sem amparo nenhum, em terra desconhecida, o Juiz de Direito de então daquela cidade, dr. Moreira

da Rocha, pediu que as recolhesse na sua companhia até que o genitor aparecesse ou desse sinal de vida. Até ontem, residentes em diversos Estados do Brasil, essas órfãs conservaram uma gratidão profunda ao seu bem-feitor.

Souto Menor, o grande pianista cearense, estancieiro no Rio Grande do Sul e Diretor da Escola de Música de Cachoeira, foi encontrado, menino de calças curtas, pelo bom sacerdote, na oficina de consertos (com s) de Tibúrcio Targino. E foi levado para o Rio, onde se aperfeiçoou na arte de Chopin, pelo ministro de Cristo cujas bodas se celebraram com as pompas e glórias do mais justo reconhecimento popular.

Em duas calamidades, a célebre seca de 1915 e a de 1919, Mons. Quinderé acompanhou, como secretário, a D. Manuel da Silva Gomes, em suas históricas viagens ao sul do país, a fim de colher donativos em favor dos flagelados. Foi ele quem estendeu a mão à caridade dos nossos patrícios meridionais, nesse trabalho de ajuda silenciosa que era, há alguns anos, o apanágio maior das almas simples e sensíveis à dor alheia.

Quantas pessoas não se formaram e não conseguiram posição segura na vida através da ação eficiente do maior aliciador de amigos do Ceará!

Mons. Quinderé nunca foi como os comensais de Alexandre, que, para lisonjeá-lo, traziam a cabeça inclinada para um lado, como defeito de nascença. Nem desceu jamais ao ridículo dos cortesãos de Dionísio de Siracusa, que tropeçavam uns nos outros a fim de serem tidos pelo tirano, meio cego, como curtos da vista.

Como Barbey D'Aurevilly, ele foi "amigo até ao esquecimento, até à indiferença, até a ingratidão"...

Adquirindo, pela confiança, amigos para si, os adquiria aos poucos para Deus.

Licurgo punha sistematicamente nos refeitórios o deus do riso, que ajudava as digestões...

Mons. Quinderé lembra aquela inscrição encontrada ao pé do quadrante de um relógio público: "só marco as horas de sol"...

MORTE E SEPULTAMENTO

O câncer, responsável por sua morte, começou a miná-lo na têmpora direita. Foi a São Paulo. O Dr. Moacir Santos, assistente do Dr. Fernando Gentil na parte clínica, examinou-o detidamente, confirmando com a biópsia o diagnóstico que lhe veio à mente às primeiras pesquisas. O baço já estava bastante crescido. E lhe deu, no máximo, seis meses de vida. Antes, precisava tomar, algumas aplicações de cobalto.

Assim advertido, recorreu a São Francisco e pediu que lhe indicasse um remédio para apenas prolongar seus anos de existência.

Numa noite, entre sonhando e acordado, viu a seu lado um frade — ele mesmo o confessava — que lhe aconselhava tomar o específico 16.

No dia seguinte, cedo, telefonou para a Farmácia Homeopática, indagando se tinha específico e para que ele servia. O boticário o informou de que era para o tratamento do baço.

De fato, esse órgão estava hipertrofiado em demasia, sinal do neoplasma malígno.

Passou então a medicar-se à base da posologia da bula, com poucas esperanças na terapêutica de doses mínimas, mas cheio de confiança no poder seráfico ou — deixem passar o trocadilho tão no gosto dele — poder seráfico do grande filho de Assis.

Alguns meses depois consultou, aqui, em Fortaleza, o Dr. Haroldo Juaçaba (1951), tendo este verificado que o baço voltara ao tamanho normal e que o tumor estacionara.

E viveu assim, com aquele seu mal em latência, por mais nove dilatados e proveitosos anos. O suficiente para que se santificasse.

Quando acamou em definitivo, os familiares se postaram em plantão contínuo a seu lado, não o deixando só por um instante sequer.

No leito de morte, lenta e angustiante, cortado de dores fortíssimas, não perdia a vaza dizer uma graçola para amenizar a ambiência e de rezar corridamente o terço. Como que queria subir devagar, marinhando, a escada de nós do seu rosário, até os páramos eternos.

Antes de perder de todo a fala, disse para sua dedicada sobrinha Nilce: — "Encontrei o caminho do Céu. A estrada é íngreme, mas chegarei até lá."

Lembro-me, à evocação dessa passagem, do velho bardo português Guerra Junqueiro, que, depois de tecer com belas rimas a "Oração ao Pão" e a "Oração à Luz", abriu, na poética lusitana, o seu "Caminho ao Céu", em cujo prelúdio Vênus, a deusa da Beleza, lhe aparece e ele a identifica com esta recusa: "Não és a minha noiva".

Vem, em seguida, a deusa da Vitória, e ele repete: "Não és também a minha noiva". A Glória se lhe apresenta, e ele a repele no mesmo tom.

Até que surge a "Dor divina, a dor cristã, chorando estrelas". E o poeta, a reconhecendo como sua eleita, lhe beija as mãos, enquanto é osculado na fronte.

"E cai a noite infinita e religiosa"...

Já no féretro, lembra-se sua mencionada sobrinha — só as mulheres são diligentes assim — de que seria prudente, para evitar mau cheiro na sala, vedar, com uma fita larga de esparadrapo, em sua têmpora, a profunda chaga cancarosa, que ia até a abóbada palatina. E pede ao cunhado Jorgelito que verifique o resultado da providência.

O episódio se passou antes de as flores encomendadas e as que seriam trazidas pelos amigos terem chegado.

E o miraculoso, por incrível que pareça, foi aquele contraparente sentir de perto um perfume de rosas em torno da cabeça do santo sacerdote.

Seus restos mortais jazem, hoje, na cripta da Sé, ao lado dos ossos de Dom Manuel e de Dom Antônio de Almeida Lustosa.

Seu espírito paira, no entanto, mais alto do que as agulhas góticas da Catedral!

01.01.82